

O DIÁLOGO ENTRE “A ANCESTRALIDADE E A MEMÓRIA DOS VELHOS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DANIEL MUNDURUKU E MIA COUTO” COM AS TEORIAS DA LINGUAGEM

Nana Patrícia Lisboa de Andrade (UFPA)¹

Silvia Helena Benchimol Barros (UFPA)²

RESUMO

Este artigo articula as reflexões debatidas na disciplina Teorias da Linguagem com o pré-projeto de dissertação de mestrado, *A ancestralidade e a memória dos velhos: um estudo comparativo entre Daniel Munduruku e Mia Couto*, construindo-se a partir daí suas inter-relações. A sociedade moderna capitalista, principalmente as formadas pelas ex-colônias do império lusitano, Brasil e Moçambique. Elas advêm de um legado marcado pelo apagamento de seus traços ancestrais que deveriam fazer parte de suas histórias oficiais, haja vista serem países moldados pelas memórias dos mais velhos. Porém, dentro de determinadas culturas como a indígena e a africana, tornam-se verdadeiras memória vivas, sendo as fontes de transmissão dos saberes desses povos. A partir disso, surgiu a ideia de construir, por meio do método da Literatura Comparada, o estudo da temática da ancestralidade e da rememoração dos velhos nas obras *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (2005) e *O Karaíba: uma história do pré-Brasil* (2010), de Daniel Munduruku, além do conto *Nas águas do tempo* (1994), de Mia Couto. De forma, a explorar e explanar as relações interdisciplinares entre ancestralidade, memória, valorização da identidade, cultura e mito. Por meio dos estudos de Bosi (1994); Machado e Pageaux (1998); Wilson e Juliana (2015), entre outros. Logo, obtém-se, que ao delimitar os estudos dentro dessas obras Munduruku e Couto estabelecem os mais velhos como os responsáveis pela transmissão das reminiscências para as futuras gerações.

Palavras-chave: Ancestralidade. Memórias dos Velhos. Diálogo. Sociedade Moderna. Teorias da Linguagem.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – PPLSA, da Universidade Federal do Pará. Graduada em Letras (2019) na respectiva instituição. E-mail: patricianana324@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/639632185060618>.

² Doutora em Tradução e Terminologia pelas Universidade de Aveiro (UA) e Nova de Lisboa (UNL) - Portugal. Mestre em Linguística pela UFPA, graduada em Pedagogia e Licenciada Plena em Letras Inglêss. Professora do Programa de Pós Graduação PPLSA – UFPA / Bragança. E-mail: sbenchimol@ufpa.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8002163769688750>.

INTRODUÇÃO

A disciplina Teorias da Linguagem se propôs a discutir, explorar e refletir sobre as relações – língua e linguagem; língua e sociedade; língua, pensamento e cultura, mostrando, dessa forma, a evolução da teoria e do método de análise da linguagem e os fundamentos filosóficos e epistemológicos da linguística dos séculos XIX e XX, composta por áreas específicas (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, léxico, gerativismo, discurso, interdisciplinaridade, cultura, pensamento, estudo interdisciplinar da mente e organização textual-interativa), que ora são encaradas como níveis de análise em teorias específicas, ora como verdadeiras rupturas epistemológicas dos modelos formais vigentes.

O desenvolvimento dos estudos linguísticos no decorrer do tempo é de fundamental importância por serem influências em variadas teorias que perpassam pelos principais campos das ciências humanas, destacando-se: a Psicologia, a Pedagogia, a História, a Literatura, entre outras. As discussões debatidas na disciplina basearam-se nos estudos de Fromkin e Rodman (1993); Kristeva (1969); Fiorin (2003); Lyons (1981); Martelotta (2010), entre outros.

Reafirmando os papéis da língua, da linguagem e da cultura como universos amplos, temos a presença de informações a respeito da língua já dentro da Bíblia, livro sagrado do Cristianismo, onde é definida como presente dado aos homens por Deus, proporcionando, assim, espaço para a discussão sobre sua origem e seu caminho rumo à fala humana, esta que nasce da linguagem gestual pois, todos conhecemos ao menos uma língua que é baseada na associação de sons e significados, segundo Fiorin (2003).

Ademais, esta pesquisa busca (re)significar o papel dos idosos dentro de duas sociedades pós-colonialistas, Brasil e Moçambique, que ainda são extremamente marcadas pelo pensamento eurocêntrico, este que por sua vez é a base do sistema capitalista, que visa o lucro no mundo do trabalho que é a engrenagem fundamental desse sistema. Partindo dessa perspectiva, pensaremos os idosos como figuras comparadas às peças obsoletas e descartadas em suas funções sociais, vivendo à margem da sociedade.

A América Latina e o Continente Africano são formados pela junção de vários povos, dentre eles as comunidades indígenas e africanas que trazem, em seus constructos, a figura do avô/idoso, que é bastante lembrada em obras de escritores da literatura desses continentes, fazendo-se possível um recorte dentro da literatura indígena amazônica do memorialista Daniel Munduruku e do africanista Mia Couto, que em seus escritos tematizam e protagonizam o idoso como o guardião dos saberes ancestrais de suas culturas.

Observando como essas sociedades retratam o papel dos avós, sobreveio-me a ideia de analisar a tematologia da ancestralidade e memórias dessas personagens nos livros dos autores supracitados, baseando-me no seu grau de importância social para essas comunidades. Baseio-me no valor afetivo da figura dos avós visto que todo neto (a), em algum momento, se deparou viajando com as narrativas contadas por eles.

Portanto, espero que através do resultado obtido neste trabalho, possamos construir um novo olhar sobre a importância da valorização do conhecimento dos mais antigos na sociedade brasileira, partindo dos exemplos expostos por esses grupos que são base de nossa nação - os povos indígenas - assim como as comunidades africanas, que mantêm vivas o legado de transmissões a partir de suas bases e que compartilham com os brasileiros, a língua portuguesa.

A ANÁLISE DO DISCURSO E AS SUAS REFLEXÕES

Partindo do pressuposto de que esta pesquisa se encontra inserida dentro dos estudos da língua, linguagem, cultura e sociedade traremos dentro do aporte teórico os estudos do discurso que, por sua vez, vêm esclarecer as relações de poder baseadas em uma realidade material advindas de supostas lutas, ferimentos, dominações, servidões, em todas as sociedades há um perigo nos discursos proferidos. Nesse sentido, segundo o crítico literário Foucault (1970), “[...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta [...]” (FOUCAULT, 1970, p. 10).

Desde já, situo que os autores pesquisados se localizam dentro das literaturas de resistências, de margem, que dão voz a grupos pouco discutidos e valorizados no cânone mundial da literatura. A nível nacional faz pouco tempo que a literatura indígena recebeu esse nome, antes era vista como *paraliteratura*: grupos de escritos que não se encaixavam no contexto literário social.

A literatura indígena no geral volta-se para a escrita infanto-juvenil devido o mercado editorial abrir uma “fresta” para publicações voltadas, especificamente, para essa faixa etária, utilizando-se da apropriação do discurso como ferramenta depositada nas mãos desses autores que lutam, cotidianamente, contra variados estereótipos construídos ao logo dos séculos. Para o autor:

[...] há sociedades onde não existam [sic] narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar. [...] conjuntos variados de discursos que se narram conforme circunstâncias bem determinadas. [...] em suma pode-se supor que há, muito regularmente uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que se “dizem” nos decorrer dos dias e das troças e que passam com os atos mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certos números de atos novos de fala que os retomam, os transformam [...] (FOUCAULT, 1970, p. 22).

Na perspectiva do teórico existem variadas narrativas dentro de um contexto maior de discursos, porém existe um descompasso em relação aos sujeitos que os proferem e, assim como a língua vive em mudança constante no seu uso, os discursos podem ser retomados ou transformados com o passar dos dias.

Nessa toada, não é mais aceitável o pensamento que os indígenas não teriam o que ensinar, por sua linguagem ser predominante oral, escritores como Daniel Munduruku rompem com esse pensamento colonialista, retratando o cotidiano do povo Munduruku e as vivências com o seu avô Apolinário, aspecto presente em uma das obras analisada.

Foucault (1970), mostra a necessária reformulação profunda de como o saber é aplicado dentro de uma sociedade, como é valorizado, repartido, distribuído e atribuído, Nesse embalo estético, Couto evoca com a literatura africana um discurso de valorização do povo moçambicano, representando em sua escrita o papel do mais velho nessa construção social.

De acordo com o filósofo, a figura do autor caracteriza-se da seguinte forma:

[...] eis que, agora se lhes pergunta (e exigem que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de textos posta sob seu nome; pede-se lhes que revele ou ao menos sustente o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhes[sic] que os articule com suas vidas pessoais e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer (FOUCAULT, 1970, p. 27).

Diante disso, observa-se a importância do autor como figura falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como um agrupamento do discurso como unidade e origem de suas significações. Autor, que até há pouco tempo era desconsiderado, na atualidade mostra sua personalidade, validando seu pensamento para o mundo, saindo do anonimato e ocupando uma função de valor social e científico desde o século XVII.

Essa reflexão foucaultiana se encaixa plenamente nos discursos retratados nas obras, espaços dialógicos em que os autores partem de suas realidades para retratar através das suas narrativas a importância social de suas experiências de vidas e das suas comunidades construindo uma relação entre esses universos e a ficção literária.

Partindo da ordem de um projeto, de uma temática, de uma consciência ou de sua própria vida, o sujeito, que por meio da palavra mostra uma identidade moldada pela sua individualidade, torna-se voz de uma coletividade, essas memórias que transpõem cada um desses discursos e questionam os enunciados a partir daquele que fala, mostrando a manifestação de uma pertença própria de classe, raça e resistência perante variados grupos.

Assim, questionar através das palavras é uma ritualização dentro desse jogo de inclusão e exclusão dos sujeitos, como enfatiza Foucault “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus olhos” (FOUCAULT, 1970, p. 49). E a linguagem é a intermediadora dessas relações de poder.

LINGUAGEM, CULTURA E SUAS REFLEXÕES

Surgem com o Iluminismo variadas correntes filosóficas que tentam explicar a evolução cultural. O determinismo biológico e o geográfico são partes constitutivas dessa teoria. Os deterministas biológicos pregavam que as características genéticas, físicas, psicológicas do ser humano, sua etnia, nacionalidade ou o grupo a qual pertence, o lugar que ocupam seriam fatores determinantes das diferenças culturais. Os biológicos consideravam que o ambiente físico condicionava a diversidade cultural. A partir disso, se faz necessária a reflexão sobre as noções de cultura e linguagem dentro de determinados povos.

São ultrapassadas e velhas as teorias que atribuem capacidades inatas às raças e outros grupos humanos, como a ideia que *os índios são preguiçosos*, além das características de homogeneidade que condicionavam a ideia nas quais variadas comunidades fixadas em um determinado espaço seriam idênticas. O caráter biológico tornou-se obsoleto dando lugar ao conceito de cultura, que em outras línguas europeias estava associada,

[...] em primeiro lugar, o sentido em que a *cultura* é mais ou menos sinônimo de *civilização* e, numa formulação mais antiga e extrema do contraste, oposta a *barbarismo*. É este o sentido, em inglês, do adjetivo *cultured* [*culto*]. Baseia-se em última instância na concepção clássica do que constitui excelência em arte, literatura, maneiras e instituições sociais. Revividas pelos humanistas do renascimento. [...] por eles associados à sua visão da história da humanidade como progresso e autodesenvolvimento (LYONS, 1981, p. 273).

Essa ideia de cultura como berço da humanidade desconsiderava o progresso e avanço dos povos colonizados com as grandes navegações, legitimando o pensamento de que apenas os povos europeus eram detentores de cultura e as demais etnias, como os indígenas e os africanos eram considerados primitivos, sem almas, sem língua, sem religião, etc.

Com os estudos de Herder na antropologia há uma reformulação nessa concepção de cultura, partindo-se da reflexão que “nada é mais indeterminado do que está palavra, e nada mais é decepcionante do que sua aplicação a todas as nações e períodos” (LYONS, 1981, p. 273). Mostrando-se desnecessários os julgamentos de valores quanto à qualidade estética ou intelectual da arte, literatura ou instituições de uma civilização.

Para o antropólogo *kultur* é o próprio sangue vital das pessoas, o fluxo da energia moral que mantém intacta a sociedade. Em contraste a *civilization*, é o verniz das maneiras, a lei e técnica. As nações podem partilhar a civilização; mas sempre serão distintas na sua cultura, uma vez que a cultura define o que elas são manifestação dos espíritos e mentais nacionais.

Apesar da descolonização e da saída dos europeus das Américas e da África, esse pensamento eurocêntrico da desvalorização de culturas consideradas ultrapassadas persistem. Durante muito tempo, grupos desagregados que têm uma tendência histórica para uma unificação sempre provisória pela obliteração das classes dominantes. Esses indivíduos ou grupos de subalternos foram mantidos em silêncio epistêmico e ontológico e, aparecem pela voz das classes dominantes como inferiores.

Tecendo uma relação com as obras pesquisadas, apresento um recorte de uma das futuras análises, pois na obra mundurukuiana *O Karaíba: uma história do pré-Brasil* (2010). É pela visão dos avós que conhecemos o dia a dia de algumas tribos antes da chegada dos colonizadores, mostrando suas constituições sociais, ritos de guerra, além da presença de mitos conhecidos do imaginário brasileiros, como *Iyara*, *Matinta Pereira*, *Icambiabas*, *Nhaderucuvu* (Deus) e *Piriripiri*.

Em *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (2005), Apolinário faz referência ao mito do Curupira e a importância da religiosidade e da valorização da identidade indígena. Da mesma forma, no conto africano *Nas águas do tempo* (1994), deparamo-nos com uma pequena narrativa do avô contando ao neto sobre o mito de origem, além do fantasma *Namwetxo Moha*, presentes no imaginário cultural moçambicano.

Em cada sociedade a verdade é vista de um ponto e os saberes de todos os povos, etnias, comunidades devem ser valorizados e levados em consideração por serem traços constitutivos, encarando assim que o conhecimento local deve ser repassado.

No sentido de partirmos em direção ao convívio com os variados grupos que constituem uma nação, como a brasileira e a moçambicana, tendo na escrita desses autores híbridos a importância do conhecimento do outro, partindo do pressuposto da desconstrução e da sobreposição de grupos e cultura dentro da literatura em âmbito mundial.

LINGUAGEM E INTERDISCIPLINARIDADE E A SUA RELAÇÃO NA LITERATURA

O trabalho teórico dentro das pesquisas das áreas de humanas baseia-se em manifestações permeada pela norma culta que será a base das escolhas do *corpus* de pesquisa, essa mediação discursiva que vai ligando as etapas de seu trabalho, textos mais longos, gêneros variados, a transformação e a seleção dos textos da tese, por exemplo, far-se-á pelo uso da análise bibliográfica dentro de determinado método, a Literatura Comparada.

As obras que serão trabalhadas na dissertação são de três variados gêneros literários distintos entre si, um *romance*, uma *autobiografia* e um *conto*. Sendo costurados pelo fio condutor da Literatura Comparada, ramo que não se resume somente a estudar fonte e influências, mas também examinar as relações de uma obra de arte, psicologia do autor, sociologia da sociedade ou relacionando obras de artes de diferentes escritores. Devendo ser utilizada para que a obra seja interpretada.

Gestada no neocolonialismo da década de 1950, nasceu da necessidade de se comparar culturas e de entender os novos povos que se formavam com a saída dos impérios coloniais da África e das Américas. Partiremos das relações existentes entre as várias literaturas de língua e expressão portuguesa como a brasileira e a africana que partilham a língua lusitana como elo comum, além de muito de seus escritores beberem das nossas letras. Abrindo margem para o estudo das relações interdisciplinares existentes no trânsito de formas e temas.

A linguagem, por transitar por diferentes campos do saber, transforma-se em um objeto interdisciplinar, “parece haver duas formas básicas de fazer ciência: uma é regida por um princípio de exclusão e a outra por um princípio da participação” (FIORIN, 2008, p. 32). Até meados do século XVIII, o fazer científico era regido pelo princípio da *mistura*, em que partiu, posteriormente, para um movimento de *especialização* dentro da ciência moldada pela triagem das informações.

No entanto, as grandes criações foram feitas pelos sábios que cultivavam a mistura como formação pluridisciplinar, tratar de interdisciplinaridade na contemporaneidade baseia-se na destruição de fronteiras, por outro lado, como elenca Fiorin, “[...] estamos no tempo do elogio das margens, do descentramento, da alteridade, da heterogeneidade, do dialogismo, vivemos em um tempo de mestiçagem, de imigrações e de recusa da pureza” (FIORIN, 2008, p. 36). Nesse sentido, a interdisciplinaridade constitui-se para Fiorin (2008) da seguinte forma:

[...] conjunto de termo de um radical comum, disciplina, um sufixo comum, -dade, e prefixos distintos in-, multi-,pluri-, inter-, trans. Não se criam diferentes palavras para expressarem um mesmo sentido. [...] inter < en (denota *dentro de, entre e ocorre*, por exemplo, em interior, íntimo, interno, entrar, intestino) (FIORIN, 2008, p. 37).

A partir do conceito trabalhado, várias ciências podem relacionar-se entre si para tratarem de determinados problemas. Esses construtos da linguagem da humanidade fundamentam-se pela troca de experiências e informações, sendo possível construir ligações entre a Literatura, a História, a Antropologia, entre outros campos variados dos saberes humanos.

É através da interdisciplinaridade, da literatura comparada e da valorização da mistura no campo científico, que é possível enxergar uma dissertação de mestrado versando sobre literaturas e autores distintos, sendo possível analisar seus contextos históricos.

Traços em comum e as diferenças culturais presentes em nações diferenciadas e, ao mesmo tempo, tão próximas como a brasileira e a moçambicana. Sendo assim, alargam-se as perspectivas dentro da pesquisa de forma a relacionar conceitos de distintos campos de estudos pelo uso da linguagem nas suas infinitas relações.

CONCLUSÃO

Depois de mostrar a importância de se estudar a disciplina Teorias da Linguagem e de perpassarmos por esses variados campos das ciências humanas, advindos da evolução da teoria, do método de análise, dos fundamentos filosóficos e epistemológicos da linguística dos séculos XIX e XX.

Os conceitos utilizados na disciplina para discutir, explorar e refletir sobre a relação – língua e linguagem; língua e sociedade; língua, pensamento e cultura. Mostram sua extrema importância para a elaboração de uma dissertação de mestrado. Vê-se a grande responsabilidade que o pesquisador como autor de um trabalho acadêmico assume perante a produção de um produto final, a tese.

Sendo antes de tudo, literário, pedagógico e político, pois como autores e interlocutores de discursos e usuários da linguagem, devemos saber lidar com os múltiplos espaços dialógicos, sendo assim, os discursos construídos dentro de uma determinada época deverão ser levados em consideração no decorrer de nossas análises.

A relação entre os variados campos dos saberes e dos conceitos das ciências humanas não se encontram mais vinculadas à ideia de uma pureza universal, a cultura, a identidade, a interdisciplinaridade e as várias metodologias presente nas disciplinas de Literatura, História, Antropologia, entre outras. Sendo assim, essas áreas apropriam-se dessas ferramentas para debater, discutir, refletir e reformular os problemas que ligam migrações, temas e formas.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DE SOUSA, A. P., **Língua e sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural**. Educação e Emancipação (UFMA), v. 10, p. 260-285-285, 2017.
- FOUCAULT, MICHEL: in **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1970. p.1-39.
- FROMKIM Victoria e RODMAN, Robert. **O que é a Linguagem?** In: Introdução à Linguagem. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.
- FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística: objetos teóricos**. V.I. Contexto, 2003. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Interdisciplinaridade**. ALFA, vol. 10, no. 1, janeiro-junho, 2008, p. 29-53.
- FLORES, O.; GABRIEL, R., **Da Relação Pensamento e Linguagem ao Estudo Interdisciplinar da mente**. In: **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 155-178, jan./abr. 2012.
- LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.
- MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: Edições 70. 1988.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo da (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2010 pp.127-139.
- Wilson Trajano Filho e Juliana Braz Dias, « **O colonialismo em África e seus legados: classificação e poder no ordenamento da vida social** », **Anuário Antropológico** [Online], II 2015, posto online no dia 01 junho 2018, consultado no dia 23 setembro 2019. URL: <http://journals.openedition.org/aa/1371>; DOI: 10.4000/aa.1371.